

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Maya Deren: No Cinema posso fazer o Mundo Dançar

2 e 10 de Janeiro de 2026

MESHES OF THE AFTERNOON / 1943

um filme de Maya Deren e Alexander Hammid

Realização: Maya Deren, Alexander Hammid / Argumento e montagem: Maya Deren / Diretor de fotografia: Alexander Hammid / Música: Teiji Ito (acrescentada em 1959) / Com: Maya Deren, Alexander Hammid / Cópia: 16 mm, preto e branco, sem diálogos / Duração: 14 minutos / Estreia mundial: Nova Iorque (cinema Provincetown Playhouse), 1946, juntamente com **At Land** e **A Study in Choreography for Camera**, num programa intitulado “Three Abandoned Films”.

AT LAND / 1944

um filme de Maya Deren

Realização e montagem: Maya Deren / Assistência: Hella Hamon, Alexander Hamid / Com: Maya Deren, Alexander Hammid, John Cage, Parker Tyler. / Cópia: 16 mm, preto e branco, mudo / Duração: 15 minutos.

A STUDY IN CHOREOGRAPHY FOR CAMERA / 1945

um filme de Maya Deren

Realização e montagem: Maya Deren / Com: Talley Beatty / Cópia: 16 mm, preto e branco, mudo / Duração: 3 minutos.

THE PRIVATE LIFE OF A CAT / 1946

um filme de Alexander Hammid, Maya Deren

Realização: Alexander Hammid / Texto: Maya Deren / Música: Gene Forrell / Cópia: em digital, preto e branco, legendada electronicamente em português / Duração: 29 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

duração total da projeção: 61 minutos

“O meu objetivo é realizar um filme experimental (cuja dimensão física está sujeita às condições materiais) no qual tentarei desenvolver uma forma de arte cinematográfica, assente nas potencialidades criativas da própria câmara, e livre da influência de outras linguagens artísticas, como a literatura, o teatro, as artes plásticas e pictóricas.”

“Que mais poderia eu pedir, enquanto artista, senão que as vossas visões mais preciosas, por mais raras que sejam, assumam por vezes as formas das minhas imagens?”

Maya Deren

Maya Deren (1917-1961) é uma das grandes pioneiras do cinema de vanguarda norte-americano, influenciando as subsequentes gerações de cineastas. Começou a filmar ainda nos anos 1940, sendo autora de uma obra curta, mas determinante na história do cinema, que revisitamos com frequência, mas que agora mostraremos na Cinemateca na sua integralidade, acompanhada por filmes que dialogam com o seu trabalho, num programa organizado em seis sessões, em que mostraremos a maior parte dos filmes em película 16mm e 35mm. **Meshes of The Afternoon** (1943), o seu primeiro filme, corealizado com o cineasta e fotógrafo Alexander Hammid, seu marido de então, que com ela também coprotagoniza o filme, revelou-se um dos mais influentes no domínio do cinema experimental, seguindo-se **At Land** (1944), **A Study in Choreography for Camera** (1945) e **Ritual In Transfigured Time** (1946). Em 1944 deixaria ainda um projeto inacabado, **The Witch's Cradle**, que concebeu em colaboração com Marcel Duchamp enquanto uma exploração das qualidades mágicas dos objetos presentes na galeria nova iorquina onde o artista costumava expor. Nos anos seguintes Deren concluiu ainda mais dois filmes, **Meditation on Violence** (1948) e **The Very Eye of Night** (1955).

De origem ucraniana, Eleanora Derenkowsky chegou aos Estados Unidos em 1922 juntamente com os pais, em fuga dos pogroms na Europa, assumindo posteriormente o nome de Maya Deren. Estudou línguas em Genebra, jornalismo e ciência política na Syracuse University e na New York University, e, em 1939, concluiu o mestrado em literatura inglesa pela Smith College. Marcante em todo o seu percurso futuro foi o encontro com Katherine Dunham, da qual foi assistente pessoal, partindo com a sua companhia em *tournee* depois de terminar os estudos. Coreógrafa e bailarina negra, que revolucionou a dança afro-americana moderna, Dunham foi antes antropóloga, tendo feito trabalho de campo nas Caraíbas, que inspirou profundamente o seu trabalho na dança. Deren seguiu um percurso semelhante, fazendo acompanhar a dança e antropologia com a poesia e o cinema. Foi durante uma *tournee*, que conheceu Hammid, o segundo marido, dez anos mais velho e de origem checa, que já era um realizador e fotógrafo consagrado, e que viria a colaborar em vários dos seus filmes. O primeiro filme deste, **Bezúčelná procházka** (1930, “**Aimless Walk**”), inauguraria o movimento da vanguarda na Checoslováquia, e dele é também o conhecido documentário **The Forgotten Village**, corealizando em 1941 com Herbert Kline, já nos Estados Unidos.

Deren foi a primeira cineasta a receber uma bolsa Guggenheim, e usou-a para financiar as várias viagens que realizou ao Haiti entre 1947 e 1954, onde registou as danças e rituais vudu, que estariam na origem do importante filme que deixou inacabado, **Divine Horsemen: The Living Gods of Haiti**. Este só seria terminado vinte anos depois da sua morte, sendo o material existente montado pelo seu terceiro marido, Teiji Ito, que com ela viajou para o Haiti e foi o autor da música de vários dos seus trabalhos, e por Cheryl Winett Ito, que com ele casou depois da morte de Deren. Cruzando a dança, as artes visuais, a etnologia, mas também a poesia, nos filmes de Deren é clara a influência do trabalho de Dunham, e dos antropólogos Gregory Bateson e Margaret Mead (dos quais foi muito próxima), assim como do cinema das primeiras vanguardas (Man Ray, Jean Cocteau, Germaine Dulac, Fernand Léger, Duchamp), que se materializaram num imaginário de inspiração surrealista, que explora em pleno as possibilidades do cinema enquanto arte. De quase todos eles mostraremos filmes (Cocteau ficou de fora), entre eles dois títulos pouco vistos: **Katherine Dunham, Performing Ballet Creole** (1952), documento em que assistimos à potência da sua dança e **Trance and Dance in Bali**, do casal de antropólogos Mead-Bateson.

No final da década de 1950 Deren criou ainda a Creative Film Foundation, associação destinada a apoiar os cineastas independentes, exercendo ao mesmo tempo uma grande influência sobre a obra de outros realizadores que começavam a trabalhar, ou que prolongariam o seu legado, dos quais mostraremos filmes, como Stan Brakhage (os filmes mais próximos desta corrente dos “trance films”), Barbara Hammer (que se inspirou e realizou mesmo um filme sobre Deren), Shirley Clarke, ou Raymonde Carasco (seguidora da sua etnografia poética, que dá a voz à versão francesa de **Divine Horseman**), que se somam aos dos seus contemporâneos: Joseph Cornell, Kenneth Anger, Sara Kathryn Arledge ou Mary Ellen Bute, cujas obra Deren conhecia e sobre as quais escreveu. Artista multifacetada, ao longo dos anos, e em paralelo com os filmes, Deren dedicou-se à poesia e escreveu amplamente sobre cinema e sobre o Haiti. É autora de dois livros; *An Anagram of Ideas on Art, Form, and Film* (1946), que Jonas Mekas considerou “uma das três obras mais importantes publicadas sobre cinema” e uma obra literária por excelência e *Divine Horsemen: The Living Gods of Haiti* (1953), grande referência sobre o vudu haitiano, cujo texto preside ao filme homónimo.

Esta primeira sessão do programa reproduz uma sessão organizada em 1946 por Maya Deren, que denominou “Three abandoned films” em que apresentava publicamente a sua obra. A este tríptico acrescentámos **The Private Life of a Cat**, realizado por Hammid com a estreita colaboração de Maya Deren. Estes primeiros trabalhos de Deren são filmes oníricos (ou sonâmbulos), que seguem a lógica dos sonhos, fazendo uso frequente de duplos, da câmara lenta e de uma gestualidade muito própria próxima da dança, tendo vários deles a cineasta como protagonista. Reenviando para esta indefinição entre o sonho e realidade P. Adams Sitney considerou os seus filmes como inaugurais de uma tendência do cinema experimental a que chamou de “trance films”, que iria perdurar, como teve ocasião de expor quando esteve na Cinemateca há dois anos e contextualizou a obra de Deren. Mas, como afirmou ainda Stan Brakhage, que muito ficou a dever a Deren, este é um cinema em que a câmara se identifica com a própria cineasta.

“**Meshes of the Afternoon** está ligado às experiências interiores de um indivíduo. Não regista um acontecimento que possa ser testemunhado por outras pessoas”, escreveu Maya Deren, que em 1959 regressou ao filme, fazendo-o acompanhar por música composta pelo japonês Teiji Ito, a versão que agora vamos ver. No genérico vimos “um filme de Maya Deren e Hammid, Hollywood 1943”. Esta referência marca claramente o local onde o filme foi feito, mas também o seu posicionamento face ao cinema dominante, que ambos conheciam bem. Aqui ambos contracenam numa viagem a um outro mundo, que acaba num pesadelo. Da mesma forma, Maya descreveu **At Land** como uma “luta para manter a identidade”, numa outra estranha viagem em que se confronta com diferentes versões de si própria, um filme que assina já a solo (embora Hammid e Hella Hamon assinem a fotografia). Estes são assim dois filmes extremamente pessoais que reenviam para a sua própria interioridade. E onde acaba um, parece recomençar o outro. Em **At Land** participam Maya Deren e Alexander Hammid, mas também John Cage e Parker Tyler, amigos próximos, revelando como se estabelecia uma teia de relações e cumplicidades.

A Study in Choreography for Camera assenta já na gestualidade de um bailarino próximo de Deren, Talley Beatty. No filme este liberta-se da arquitetura estática de um teatro, sendo transportado por uma câmara igualmente liberta para um espaço tão móvel e volátil como ele próprio, afirmando-se como um dueto entre ele e esse mesmo espaço. Aqui, como nos filmes seguintes, o bailarino parece flutuar num espaço que o liberta de

coordenadas, o que atingirá a sua máxima expressão em **The Very Eye of Night**, no qual os bailarinos da Metropolitan Opera Ballet School parecem flutuar num espaço celeste, transformado num negativo do mundo. Deren colaborará posteriormente com outros bailarinos, entre os quais Rita Christiani, ex-bailarina da Katherine Dunham Dance Company, que participará em **Ritual in Transfigured Time**.

A sessão termina com **The Private Life of a Cat**, um estudo impressionista do quotidiano de uma família de gatos que partilham com o casal Hammid-Deren o apartamento em Greenwich Village, sendo que os gatos são frequentemente identificados com Maya Deren. Documento com um forte teor narrativo, o texto cabe a Maya Deren, que acompanha o momento em que a sua gata dá à luz uma ninhada de gatinhos. Um impressionismo e uma intimidade que se estende assim dos cineastas aos animais que com eles convivem todos os dias, como acontecerá também com outros filmes deste programa. Veja-se **Cat's Cradle** (1959), de Stan Brakhage, onde esta relação é mais explícita. Maya Deren escreveu algo sobre **Meditation on Violence** que de algum modo poderá resumir uma parte importante do seu cinema: “Concebi filmar como uma espécie de cubismo no tempo. O mesmo movimento é visto de diferentes perspetivas, assim como no cubismo, diferentes aspetos são vistos em simultâneo, não no espaço, mas sim no tempo.” Um cinema assente em diferentes intensidades e sobreposições de tempos, que liberta a câmara e “faz dançar o mundo”.

Joana Ascensão